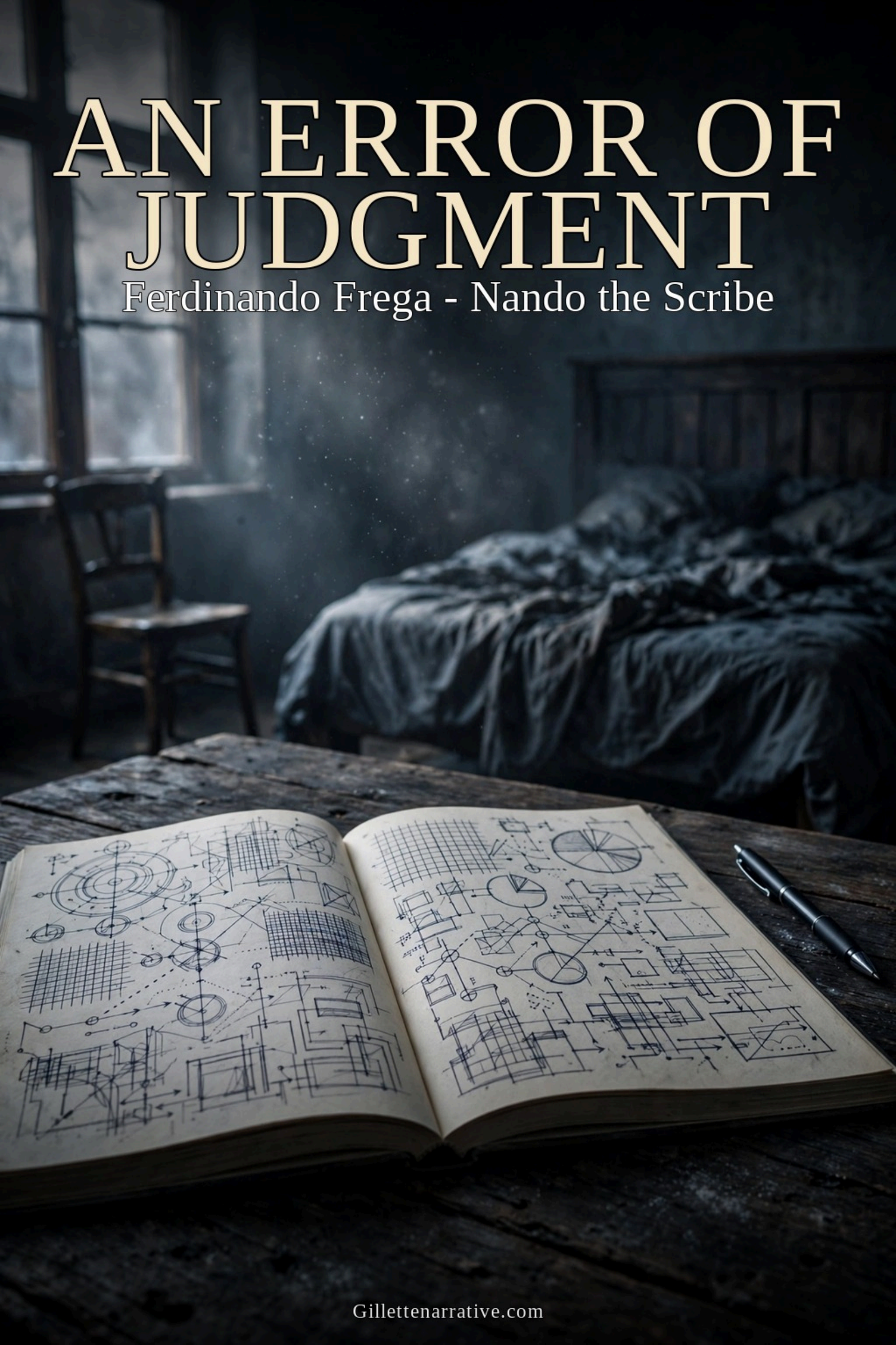

AN ERROR OF JUDGMENT
Ferdinando Frega - Nando the Scribe
Gillettenarrative.com

GILLETTE: UM ERRO DE JULGAMENTO

GILLETTENARRATIVE — THE BLADE ESSAYS

Quando um homem chega aos sessenta e um e se vê sozinho de verdade, ele já não vive entre suas lembranças. Vive entre seus erros.

As lembranças são inofensivas. Já não podem machucar você. Os erros são diferentes. Os erros acordam antes de você. Ficam sentados na beira da cama esperando seus olhos se abrirem. São companheiros leais da idade porque são as únicas coisas que não dá para renegociar.

Naquela manhã de agosto, eu me peguei pensando na velha instituição do sul da Itália conhecida como casamento reparador.

Nos vilarejos dos anos 1940 e 1950, dois jovens se apaixonavam com a imprudência reservada aos jovens. Desejavam um ao outro, confiavam um no outro e nunca pensavam nas consequências. E as consequências chegavam mesmo assim. Às vezes um filho. Às vezes dois. Às vezes três.

As famílias olhavam para a realidade e escolhiam uma solução prática.
Não porque fossem esclarecidas.
Não porque fossem românticas.
Porque o escândalo saía mais caro do que o casamento.
Os dois amantes eram empurrados para o altar, batizados na responsabilidade e soltos na sociedade carregando filhos, obrigações e um futuro que não tinham planejado, mas que agora precisavam construir.

Quando as famílias se opunham à relação, havia outra solução.

A fuitina.
A fuga.
Dois jovens desaparecendo juntos para anunciar que o consentimento tinha se tornado irrelevante.

A mensagem era simples:

Nós pertencemos um ao outro. Alcancem a gente quando puderem.

No fim todo mundo voltava. As famílias sempre voltam. Os pais os perdoam porque amam os filhos. Os avós perdoam porque os netos derrubam todas as leis anteriores do coração.

Mas naquela manhã eu não estava pensando em jovens casais.

Estava pensando em mim.

Havia anos, meu exercício particular tinha se tornado a contabilidade dos erros.

Decisões erradas.

Silêncio errado.

Lealdade errada.

Expectativas erradas.

E, ao contrário daqueles jovens amantes, não havia nenhum casamento reparador à minha espera. Nenhum padre de vilarejo. Nenhum conselho de família. Nenhuma fórmula social capaz de corrigir a aritmética.

Percebi então que a minha própria fuitina tinha durado quarenta anos.

Sessenta e cinco países.

Quatro décadas.

Uma fuga solitária através dos continentes.

A questão já não era se eu tinha fugido.

A questão era:

Do que exatamente eu tinha fugido?

Em 14 de agosto de 2026, a resposta finalmente chegou.

Saber o que tinha acontecido não bastava.

Entender por que tinha acontecido tornou-se essencial.

A diferença entre a sabedoria e o sofrimento muitas vezes não passa de uma explicação que falta.

E de repente ficou claro.

Não tinha sido traição.

Não tinha sido conspiração.

Não tinha sido nem mesmo destino.

Tinha sido um erro de julgamento.

Um magnífico, caro, vitalício erro de julgamento.

Eu não podia corrigi-lo.

Não podia recorrer dele.

Não podia negociar com a autoridade suprema responsável pelo resultado.

Meu destino.

O CEO de todas as consequências que já enfrentei.

E, pela primeira vez, parei de discutir com ele.

Ferdinando Frega